



Participação de religiosas na composição do serviço de enfermagem em um hospital universitário (1909-2005)*

Participation of religious women in the creation of the nursing service in a university hospital (1909-2005)

Participación de religiosas en la composición del servicio de enfermería en un hospital universitario (1909-2005)

Djailson José Delgado Carlos¹, Raimunda Medeiros Germano², Maria Itayra Padilha¹

Objetivou-se analisar a participação de religiosas na composição do serviço de Enfermagem em um Hospital Universitário no Rio Grande do Norte, Brasil. Estudo qualitativo histórico-social, o qual considerou como período do estudo os anos de 1909 a 2005, corresponde ao início e término da presença das irmãs Filhas de Sant'Ana na instituição. A investigação pautou-se no levantamento de documentos, relatórios, atas, leis e decretos, portarias, complementada por entrevistas com dez profissionais e religiosas, que atuaram no Hospital a partir da década de 1950. Conclui-se que a realidade investigada coincide com o contexto brasileiro em termos de despreparo dos exercentes de enfermagem; atuação das religiosas nos afazeres hospitalares e assistenciais. As Irmãs Filhas Sant'Ana foram as pioneiras e responsáveis, durante décadas, pela administração interna do Hospital e assistência ao paciente.

Descritores: História da Enfermagem; Enfermagem; Recursos Humanos; Religião.

This study aimed to analyze the participation of religious women in the creation of the Nursing service in a university hospital in Rio Grande do Norte, Brazil. This is a qualitative social-historical study, which considered as the period of study the years from 1909 to 2005, representing the beginning and the end of the presence of the sisters daughters of St. Anne in the institution. The research was based on survey in documents, reports, minutes, laws and decrees, ordinances, supplemented by interviews with ten professionals and religious women, who worked at the hospital from the 1950s on. It was concluded that the investigated reality coincides with the Brazilian context in terms of lack of preparation from those who act in Nursing; performance of religious women in the hospital and healthcare duties. The nuns daughters of St. Anne were the pioneers and responsible during decades for the internal administration of the hospital and patients' care.

Descriptors: History of Nursing; Nursing; Human Resources; Religion.

El objetivo fue analizar la participación de religiosas en la composición del servicio de Enfermería en un Hospital Universitario de Rio Grande do Norte, Brasil. Estudio cualitativo histórico-social, que consideró como período del estudio los años de 1909 a 2005, corresponde al inicio y término de la presencia de las hermanas Hijas de Sant'Ana en la institución. La investigación fue basada en el levantamiento de documentos, relatos, actas, leyes, decretos, proyectos, siendo complementada por entrevistas con diez personas, profesionales y religiosas, que actuaron en el Hospital a partir de la década de 1950. La realidad investigada coincide con el contexto brasileño en términos de falta de preparo de los ejecutantes de enfermería; actuación de religiosas en las labores hospitalarios y asistenciales. Las hermanas Hijas Sant' Ana, fueron las pioneras y responsables durante décadas por la administración interna del Hospital y por la asistencia al paciente.

Descriores: Historia de la Enfermería; Enfermería; Recursos Humanos; Religión.

*Extraído da dissertação *Passado e presente: a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.*

¹Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil.

Autor correspondente: Maria Itayra Padilha

Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, s/nº - Trindade, CEP: 88040-970 - Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: itayra.padilha@ufsc.br

Introdução

A trajetória do Hospital Universitário Onofre Lopes, localizado em Natal, capital do Rio Grande do Norte, é marcada por sucessivas ampliações de suas instalações e de serviços, como também por mudanças de nome, a saber: Hospital de Caridade Jovino Barreto (1909), Hospital Miguel Couto (1934), Hospital das Clínicas (1960) e, a partir de 1984, como homenagem ao primeiro Reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, passou a denominar-se Hospital Universitário Onofre Lopes⁽¹⁻²⁾.

Funcionando como Hospital Escola desde a criação da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, em 1958, é na atualidade uma instituição de saúde pública federal, vinculada ao Ministério da Saúde, através do Sistema Único de Saúde. E é também referência para Cursos de Graduação e Pós-Graduação do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Como tal, desenvolve atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência à população, contando com o atendimento ambulatorial a serviços de maior complexidade. Integra-se ao Complexo Hospitalar e de Saúde, juntamente com a Maternidade Escola Januário Cicco, Hospital de Pediatria Professor Heriberto Bezerra, Hospital Universitário Ana Bezerra, Unidade de Medicina Comunitária, Núcleo de Hematologia e Hemoterapia, Serviço de Odontologia, Serviço de Anatomia Patológica e Unidade de Fisioterapia.

Retornando a seus primórdios, no que concerne à assistência de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, faz-se necessário esclarecer o caráter essencialmente prático, haja vista a inexistência de Escola da Enfermagem no Rio Grande do Norte. Naquela época, para ingresso à Enfermagem, exigiam-se habilidades manuais⁽³⁾, quase sempre, identificadas, no caso do Hospital Universitário Onofre Lopes, pelas religiosas Filhas de Sant'Ana entre os funcionários, acompanhantes e ex-pacientes, posteriormente treinados por elas mesmas⁽²⁾.

Essa fase prática foi substituída pela Enfer-

magem Moderna, surgida no século XIX, em Londres, Inglaterra, quando Florence Nightingale, na intenção de tornar a profissão honrosa e atraente às mulheres, fundou a *Nightingale School for Nurses*, anexa ao *St. Thomas's Hospital* que é considerada a primeira escola profissional de Enfermagem em todo o mundo. Sua importância consiste na sistematização do ensino e da prática profissional, tornando-a científica e racional, que fora difundida por seus egressos, com a abertura de novas Escolas de Enfermagem⁽⁴⁾.

No Brasil, a institucionalização da Enfermagem Moderna ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, capital da federação, à época, por enfermeiras norte-americanas, cedidas ao Departamento Nacional de Saúde Pública, pela Fundação Rockefeller. Elas fundaram e fizeram funcionar a Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, hoje Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro⁽⁵⁾, pioneira, no país, no ensino orientado pelo sistema criado por Florence Nightingale⁽³⁾.

Diante dessas breves considerações, o presente estudo tem por objetivo analisar a participação das religiosas Filhas de Sant'Ana, na composição do serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes. Assim sendo, sua relevância justifica-se por contribuir para a memória da profissão e do ensino de Enfermagem, pelo resgate de uma história ainda não registrada e ao fato dessas religiosas terem permanecido, por décadas, a frente dessa instituição que é, para o RN, a referência mais tradicional na formação dos profissionais de saúde e, em especial, de Enfermagem.

Método

Estudos qualitativos, sócio históricos ganham relevância pela possibilidade de construção do conhecimento científico, na perspectiva crítico-analítica, pois favorecem a compreensão do passado de um grupo social, assim como contribuem para a percepção das profissões junto à realidade. É,

pois, uma atividade metodologicamente rigorosa que permite voltar às raízes, ativar memórias, mas sem perder o panorama histórico⁽⁶⁾. Sob essa ótica, realizar pesquisas históricas consiste em lançar-se a um desafio que exige organizar idéias, apoderar-se de argumentações a partir do conhecimento, buscando aprofundamento no universo a conhecer⁽⁷⁾.

Realizar pesquisas históricas é lançar-se a grandes desafios. As fontes da pesquisa histórica (primárias e secundárias) são vistas como a via pela qual o pesquisador entra em contato com o problema, possibilitando-o examinar e analisar uma sociedade no seu contexto histórico. Essa relação entre passado e presente se estabelece através da busca de novos conhecimentos, com a qual se recupera a memória, ajudando a salvar o passado para servir ao presente e ao futuro⁽⁸⁾.

Desse modo, considerando-se as décadas em que as religiosas Filhas de Sant'Ana estiveram presentes no Hospital Universitário Onofre Lopes, nessa investigação optou-se pela reconstrução histórica a partir da cronologia dos acontecimentos. Assim, o recorte temporal de 1909 a 2005 justifica-se, por tratar, respectivamente, do ano da chegada das religiosas ao Hospital, por ocasião de sua fundação e, ao ano, a partir do qual, a instituição não registra mais a presença de religiosas entre seus funcionários.

As fontes documentais, desse estudo, constituíram-se de documentos, relatórios, atas, leis, decretos, portarias, sendo seu acesso permitido após o recebimento da Carta de Aquiescência dos arquivos do Estado, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e à Direção do Hospital Universitário Onofre Lopes, visto que contém fontes da mais alta significação sobre o Hospital.

Os dados foram complementados por meio da realização de 10 entrevistas semiestruturadas, entre os meses de maio a junho de 2005. As mesmas tiveram a duração média de 50 minutos. Para a participação deliberou-se que seriam profissionais – religiosas Filhas de Sant'Ana, professores da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal e servidores da Universidade

Federal do Rio Grande do Norte – que mantiveram vínculos com o Hospital Universitário Onofre Lopes, a partir da década de 1950, ou seja, àqueles que vivenciaram parte dessa história e que dela têm vivas memórias. Como critério para o fechamento amostral foi determinada a saturação das respostas.

A utilização de entrevistas favorece o contato direto com as pessoas que testemunharam ou participaram de acontecimentos de interesse do pesquisador. Dessa forma, realiza-las possibilita sondar a visão de mundo e as conjunturas, resultando assim, em uma maior aproximação com o objeto de estudo⁽⁹⁾.

Para esta pesquisa, as entrevistas sucederam a um contato telefônico prévio, através do qual foram agendadas de acordo as conveniências dos colaboradores. Na oportunidade da realização, foram esclarecidos os objetivos do estudo, a garantia do anonimato, o sigilo de informações, o direito a recusa e a intenção de publicar os resultados da pesquisa. Feito isso, requereu-se à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também foi solicitada a permissão para gravar os depoimentos e esclareceu-se que seriam transcritos e posteriormente transcritos.

A análise e interpretação dos dados aconteceram através da leitura atenta e detalhada do material, com a qual se procurou a compreensão dos significados objetiva, científica e sistematicamente. Utilizou-se, portanto, da análise temática para a reconstrução histórica da participação de religiosas na composição do serviço de enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, por versar sobre assuntos específicos.

A investigação foi desenvolvida em consonância com as diretrizes sobre pesquisa com seres humanos e contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Parecer nº 81/2004. Para garantir o anonimato, as falas foram identificadas com a letra P, referindo-se aos profissionais e R, para as religiosas, ambas acompanhadas pela numeração sequencial na qual ocorreram as entrevistas.

Resultados

Para, em 1909, fazer funcionar o Hospital de Caridade Jovino Barreto, atual Hospital Universitário Onofre Lopes, foram contratados o médico Januário Cicco, o prático em Enfermagem José Lucas do Nascimento e para a assistência aos enfermos e direção doméstica, um grupo de religiosas Filhas de Sant'Ana, vindo de Recife/PE. Sobre estas, há controvérsias quanto ao número inicial, de serem cinco (Rosa Sampaio, Helena Maria Meneses, Rinalda Mereti e Alinda Gararaglia)⁽¹⁾ ou sete, dentre as quais havia uma licenciada em Serviços Farmacêuticos⁽²⁾. Porém é consensual de que a Irmã Cosma Campani, foi a superiora⁽¹⁻²⁾.

A respeito de José Lucas do Nascimento, sabe-se que foi denominado o primeiro “enfermeiro” do Hospital, tornando-se um doutor de gente pobre, popularíssimo, sob o apelido de José Enfermeiro. Sobre sua pessoa há registros como sendo muito dedicado e que chefiava o Serviço de Enfermagem nas enfermarias masculinas⁽¹⁰⁾, muito provavelmente por questões ligadas a pureza, castidade, sexualidade e honra das irmãs⁽¹¹⁾.

Quanto à presença das religiosas no Hospital, inicialmente contratadas, em 1909, subordinadas à Irmã Superiora Cosma Campani, no ano de 1935, o grupo apresentava-se composto por nove, sendo a Irmã Plácida Possi, a Superiora. Em 1945, havia treze religiosas e, em 1952, eram dezesseis, em ambas as datas, sob a coordenação da Irmã Superiora Albina Vieira⁽²⁾.

A respeito do pessoal de Enfermagem laico, em 1935, constam os práticos em Enfermagem José Lucas do Nascimento, Generosa de Souza e Maria de Jesus e, duas auxiliares de enfermaria, Joaquina Sales e Francisca Fernandes. No ano de 1945, havia seis práticos em Enfermagem, quatro homens e duas mulheres, e duas parteiras⁽²⁾.

Sobre esses personagens, vale salientar que não foi encontrado qualquer documento referente às suas origens, local de nascimento ou mesmo

dados pessoais. Podendo-se perceber que em uma sociedade de classes, essa ausência de informações pode confirmar o lugar que cada pessoa ocupa na hierarquia social.

Quanto a participação das Irmãs Filhas de Sant'Ana nos afazeres hospitalares, documentos de 1952 registram a existência de dezesseis religiosas lotadas em serviços diversos, a saber: Albina Vieira (Superiora), Teodolinda Amazonas (secretária), Natália Maia (farmacêutica), Vilma Vila (pavilhão de luxo), Delfina Lorena (pavilhão de 1ª classe), Damielina Amaral (setor de internamento), Inez Mineli (centro cirúrgico), Donata (pavilhões de 2ª e 3ª classes), Pierina Albuquerque (1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª enfermarias), Alessia Barbosa (6ª e 7ª enfermarias), Izaura Rego (8ª, 9ª, 10ª, 11ª, 12ª e 13ª enfermarias), Geralda Carvalho (14ª, 15ª e 16ª enfermaria), Miquelina Cassiraghi (portaria e gabinetes de odontologia e otorrinolaringologia), Emerentina Montenegro (cozinha), Conceição Busatta (lavanderia) e Emerenciana Costa (sala de costura)⁽²⁾.

Acerca do trabalho das religiosas, sabe-se que *os recursos eram escassos. Foi um tempo muito difícil, muitas vezes improvisado. Então a gente fazia o que era possível. As religiosas também trabalhavam com o doente* (R1). *As irmãs trabalhavam dia e noite, mas apesar de não serem formadas, tinham prática de Enfermagem e adquiriam confiança dos médicos, pois trabalhavam com muito amor e dedicação* (R2). *Tudo era precário, às vezes, faltavam camas para os doentes a serem internados e muitas vezes lavávamos e consertávamos luvas já utilizadas, como também desobstruíamos agulhas e refazíamos suas pontas* (R3). *Foi um tempo de muita dificuldade e trabalho duro. Dávamos plantão noturno e continuávamos a trabalhar no dia seguinte pela manhã e, às vezes, à tarde também, tendo quase sempre que esperar a noite chegar para descansarmos. Como nós religiosas residíamos no Hospital, era comum sermos convocadas para trabalhar ainda que estivéssemos nos momentos de folga/descanso* (R4).

No Hospital, *as religiosas faziam todo tipo de trabalho. Elas também tinham funções administrativas e cada uma delas era responsável por um setor hospitalar ou enfermaria. Tinham irmãs que ajudavam a trocar a roupa do paciente, a dar alimentação àqueles que não podiam se alimentar e também ajudavam nas medicações* (P1).

No que concerne as atividades desenvolvidas pelas Filhas de Sant'Ana, o material empírico possibilitou a constatação de quão efetiva foi a participação delas nos afazeres hospitalares, às vezes acumulativos, fossem eles domésticos (portaria, secretaria, setor de internação, copa-cozinha, lavanderia, rouparia, sala de costura) ou assistenciais (farmácia, unidades de internação, sala de operação, consultórios, entre outros). E assim, o hospital permaneceu por décadas, tendo as religiosas à frente dos serviços administrativos e hospitalares.

É importante destacar a inexistência de enfermeiras diplomadas, religiosas ou laicas, até 31 de julho de 1953, quando a Irmã Anna Tereza de Jesus Rocha, também conhecida por Irmã Amasilles, paraense de nascimento, vinda de Recife-PE, formada na Faculdade de Enfermagem Nossa Senhora das Graças, da Universidade de Pernambuco, passou a integrar o corpo de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como atuou como professora da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal⁽²⁾. Sobre ela, também é relevante frisar que, juntamente com outras 11 enfermeiras, fundaram, em 15 de maio de 1960, a Associação Brasileira de Enfermagem, seção Rio Grande do Norte, sendo eleita presidente para a gestão de 1960-62⁽¹²⁾.

Retornando a organização do serviço de Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, no que diz respeito ao ingresso à assistência *as freiras pesquisavam o trabalho dos funcionários da limpeza e junto aos acompanhantes dos pacientes. Àquelas pessoas que se destacavam, que demonstravam jeito para a Enfermagem eram convidados a ingressarem na Enfermagem. Eu sempre demonstrei interesse pela assistência e nas minhas horas de folga colaborava como voluntário nos cuidados aos pacientes. A irmã que trabalhava na enfermaria, certo dia me perguntou: você gostaria de trabalhar no serviço de Enfermagem? Respondi que sim. Então fui treinado como atendente (P1). A partir de uma experiência como acompanhante de um paciente cirurgiado e pela forma atenciosa e delicada como eu o tratava, chamou a atenção das irmãs, aí terminei por ser convidada a trabalhar no Hospital, mas tive que fazer um treinamento (P2). Exigia-se saber ler, escrever e fazer um treinamento. Tínhamos aulas*

teóricas e práticas (P3).

A respeito desse treinamento, sabe-se que tinha a duração de três meses, com aulas teóricas e práticas. Constava de ensinamentos básicos, tais como: técnicas de injeção, curativos, verificação dos sinais vitais, banho no leito, mudança de decúbito, troca de roupas do paciente e de cama (P1). Quando comecei a trabalhar no Hospital eu não tinha experiência com esse negócio de Enfermagem. Entrei sem saber de nada. A Irmã Geralda Carvalho foi minha professora, me ensinou tudo: curativo, fazer injeção. Ela tinha a maior confiança em mim e os médicos também. Eu passava o dia na enfermaria cuidando dos pacientes (P2). As freiras me explicavam e eu com aquela explicação ia aprendendo. Bote uma bolsa de água quente assim, explicava como devia ser feita a injeção. A aprendizagem continuava a ocorrer no próprio trabalho (P3). Era o possível, o que podíamos fazer. Treinávamos àqueles que aceitavam ao convite, pois acreditávamos que desempenhariam satisfatoriamente bem as atribuições de Enfermagem. Após umas poucas aulas, adotávamos a estratégia de colocar um atendente novato com um antigo para que assim o serviço fosse sendo passado. Quando não era possível, atribuíamos o inexperiente em uma enfermaria de pacientes menos complexos. Tudo acontecia sob nossos olhares, fosse dia, fosse noite (R4).

Como os depoimentos ilustram, havia a necessidade de qualificação profissional e na tentativa de vencer as dificuldades e de fazer funcionar uma Escola de Enfermagem algumas iniciativas foram tomadas. Sobre isso, *veio uma supervisora do Rio de Janeiro, do Ministério da Saúde, que elaborou um relatório o qual impossibilitava o funcionamento da Escola de Enfermagem aqui em Natal. O referido, de autoria da enfermeira Izaura Barbosa Lima, explicitava a precariedade de recursos materiais e técnicos para o funcionamento de uma Escola de Enfermeiras. Ainda que este relatório tenha causado descontentamento entre os dirigentes da Sociedade de Assistência Hospitalar, instituição responsável pelo gerenciamento do Hospital serviu para estudos e observações posteriores que terminaram por sugerirem, junto ao Ministério de Educação e Cultura, autorização para fazer funcionar uma Escola de Auxiliares de Enfermagem (P4).*

Esse acontecimento, marco da institucionalização da Enfermagem Moderna no Rio Grande do Norte, pode ser visto como a realização de um sonho almejado há muito tempo, pois consta no Regimento Interno de 1927, ano em que a administração do Hospital foi

transferida à Sociedade de Assistência Hospitalar, a intenção fazer funcionar uma Escola de Enfermeiras e Parteiras. Sobre essa Escola, em 1934 ocorreu sua criação e no ano de 1950 sua fundação, porém, nas duas oportunidades, a falta de recursos humanos e materiais inviabilizaram o desenvolvimento de suas atividades⁽¹³⁾. No entanto, seu funcionamento, nas dependências do Hospital, tornou-se possível, em 1956, após convênio firmado entre Sociedade de Assistência Hospitalar, a Divisão de Organização Hospitalar e a Campanha Nacional Contra a Tuberculose⁽²⁾.

Mesmo assim, a Enfermagem do Hospital, permaneceu por muito tempo sob o gerenciamento das Filhas de Sant'Ana. Os egressos da Escola de Auxiliares nem sempre integravam ao corpo de profissionais da instituição, partindo para trabalhar em estados vizinhos pelo atrativo financeiro. *As pessoas encontravam mais vantagens lá fora. Os honorários oferecidos aqui eram pequenos* (P5).

Esse cenário lentamente se modificou após a federalização da Universidade, ocorrida em 1960, a partir do qual o Serviço de Enfermagem do Hospital passou a ser exercida pela enfermeira norte-riograndense Nazaré Lira, vinda de São Paulo, formada pela Universidade de São Paulo, especialmente contratada para organizar essa transição. *Com a chegada das enfermeiras na Chefia de Enfermagem, após a Universidade ser federal, as coisas melhoraram muito. Houve modificações na escala. Nós passamos a trabalhar seis horas diárias e o serviço melhorou bastante. Antes de Nazaré, as freiras comandavam a Enfermagem e o Hospital, porque não havia enfermeiras* (P2). *Com a federalização da Universidade, a administração do Serviço de Enfermagem, até então, sob a responsabilidade das religiosas Filhas de Sant'Ana passa a ser exercida por enfermeiras* (P6).

Embora as religiosas tenham saído da chefia do Serviço de Enfermagem, deve-se registrar que estas permaneceram no Hospital por décadas, em outros serviços, tais como: portaria, setor de internamentos, copa-cozinha, lavanderia e rouparia, entre outros. Quanto à hierarquia religiosa, as irmãs Maria Inês Dias, Zélia Ximenes, Anna Tereza de Jesus Rocha e, Esperança, nessa ordem, foram as quatro últimas

Filhas de Sant'Ana a ocuparem o cargo de Superiores, mas não necessariamente a Chefia de Enfermagem do Hospital⁽²⁾.

Discussão

A fundação desse Hospital, em 1909, decorreu da necessidade de organizar uma assistência condigna à população norte-riograndense⁽¹⁾. Inicialmente instalado em uma casa de veraneio adaptada, com apenas 18 leitos e destinado ao atendimento de pessoas carentes, aos poucos ampliou suas instalações e serviços, vindo a se transformar em um hospital escola e, na atualidade, integra o do Complexo Hospitalar e de Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁽²⁾.

A presença de religiosas em Hospitais e nas Santas Casas, no Brasil, teve seu início com a chegada das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo, francesas, em 1849, à cidade de Mariana-MG. Naquela época, essas instituições se relacionam a interesses caritativos, assistenciais e econômicos. A essa experiência, sucederam outras em todo o país, ocasionando uma nova configuração à rotina das instituições de saúde, até então compostas basicamente por escravos, ex-escravos e outros indivíduos de pouca instrução⁽¹⁴⁾.

Na realidade do Hospital Universitário Onofre Lopes, foram as Filhas de Sant'Ana as pioneiras e responsáveis, por décadas, pela administração interna do Hospital e pelo gerenciamento do Serviço de Enfermagem e que, nessa longa permanência, acompanharam as reformas estruturais, a modernização dos serviços prestados à população, assim como as sucessivas mudanças de nome da instituição.

Sobre a participação das religiosas nos afazeres hospitalares, acredita-se que, muito provavelmente, estava relacionada à escassez de funcionários para as diversas atividades e talvez tenha sido ocasionado por falta de recursos financeiros ou ao fato das irmãs residirem na própria instituição, tornando-as

aparentemente mais disponíveis, assim como pela motivação de valores eclesiais como: obediência, bondade, abnegação, dedicação, compaixão, entre outros.

Os relatos ilustram outras responsabilidades das religiosas na vida do Hospital, pois além dos já citados afazeres domésticos e assistenciais, elas também eram responsabilizadas pela identificação de características e habilidades entre os funcionários do Hospital e, às vezes, por relações de empatia, entre os pacientes e acompanhantes, cabendo-lhes, então, abordá-los e convidá-los a realizar um treinamento para o ingresso ao Serviço de Enfermagem. Essa situação merece uma apreciação cuidadosa, visto que os valores cristãos, aos quais estavam submetidas as religiosas, eram impostos aos funcionários do Hospital, correspondendo a uma condição de servidão e de negligência dos direitos trabalhistas como, por exemplo, estabelecimento e cumprimento de horário de trabalho, descanso, folgas, horas extras, férias entre outros.

As falas esclareceram como se dava o ingresso à Enfermagem, à época, que habitualmente ocorria após a realização de um curto treinamento, ministrado pelas religiosas, e complementado no próprio serviço, de forma prática, no qual o aprendiz continuava aprendendo com um funcionário experiente, sob a supervisão das Filhas de Sant'Ana. A situação era precária pela limitação dos recursos humanos e materiais, mas, indiscutivelmente, era o melhor, em termos de assistência hospitalar que poderia ser prestada no Estado do Rio Grande do Norte, à época.

Ressalta-se que a Enfermagem Moderna, no Brasil, lentamente se expandiu pelo país, haja vista a realidade do Rio Grande do Norte, cujo ensino, seguindo os preceitos nightingaleano, só foi possível 32 anos após a fundação da Escola de Enfermagem Anna Nery, mas restrita à formação de Auxiliares de Enfermagem, por falta de pessoal qualificado e infraestrutura para funcionar uma escola de nível superior⁽¹⁰⁾.

A essa altura, o Hospital Universitário Onofre

Lopes desenvolvia, além da assistência à população, atividades voltadas para o ensino, visto que suas instalações passaram a ser utilizadas, a partir de 1958, ano de fundação da Universidade do Rio Grande do Norte, por acadêmicos dos cursos de Farmácia, Medicina e Odontologia. Sobre isso, deve-se dizer que a primeira iniciativa de ensino na história do Hospital ocorreu a partir de 1956, com o funcionamento da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, em suas dependências⁽¹⁰⁾.

Ao fato da federalização da Universidade e, conseqüentemente, a substituição das religiosas na Chefia do Serviço de Enfermagem do Hospital por enfermeiras, acredita-se que essa decisão institucional provavelmente tenha contribuído para uma transição menos traumática, considerando-se o longo período em que as mesmas estiveram à frente da administração hospitalar e da Enfermagem. Essa suposição fica bem ilustrada quando no período de 1981-85, a enfermeira, Irmã Esperança, foi Chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital e pela permanência da Irmã Eurídice de Andrade, Técnica de Enfermagem, no Setor de Cardiologia, até sua aposentadoria no ano de 2005⁽²⁾.

Considerações Finais

A realização dessa investigação histórico-social tornou possível registrar a fase pré-profissional da Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes; permitiu identificar a presença das religiosas nos afazeres hospitalares e assistenciais; o desenvolvimento de atividades com características de sacerdócio; e, o despreparo de seus profissionais. Aqui bem ilustrados pelos depoimentos dos participantes do estudo.

Em conformidade com os relatos, constatou-se que pessoas leigas eram admitidas para este fim, sendo às vezes trabalhadores do serviço de limpeza ou acompanhantes de pacientes, que, ao demonstrarem gestos de solidariedade e afeto para com os doentes, eram convidados a integrar a equipe de Enfermagem do Hospital. A partir de então, eram submetidos a

um treinamento, tendo como exigência, nem sempre cumprida, saber ler e escrever.

Deve-se destacar que, mesmo com a criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem de Natal, a Enfermagem do Hospital Universitário Onofre Lopes, por muitas décadas, permaneceu sob a orientação das irmãs Filhas de Sant'Ana. Os egressos dessa Escola nem sempre passavam a integrar à equipe do Hospital, pois muitos partiam para trabalhar em outros Estados do país, principalmente os da Região Sudeste, pelo atrativo financeiro, ou eram contratados por outros serviços de saúde existentes em Natal.

Convém enfatizar que a Enfermagem do Hospital vem se modificando ao longo dos anos, encontrando-se, na atualidade, em situação diametralmente oposta àquela do início do século XX. O quadro atual apresenta-se composto de um grupo de enfermeiros de comprovada qualificação profissional (especialista, mestres e doutores) que tem contribuído para o crescimento do ensino, da pesquisa e da extensão, no âmbito da profissão.

Quanto ao Hospital Universitário Onofre Lopes, pôde-se concluir ao discorrer pela sua história, uma atuação diferenciada. Inicialmente de cunho assistencialista, aos poucos vai mudando seu perfil, passando a constituir-se em espaço, por excelência, para o ensino.

Por fim, conclui-se quão próximas e interligadas estão as histórias do Hospital e a das religiosas Filhas de Sant'Ana, haja vista os 96 anos nos quais caminharam juntos e que, com certeza, contribuíram para a transformação desse que é a referência mais importante e tradicional para o ensino da saúde e assistência à população do Rio Grande do Norte. Referindo-se às religiosas, deve-se reforçar que foram as pioneiras e as responsáveis pela administração interna do Hospital Universitário Onofre Lopes, assim como pelo gerenciamento da assistência ao paciente durante décadas.

Colaborações

Carlos DJD contribuiu para a concepção do estudo, revisão da literatura, coleta e análise dos dados, redação final do manuscrito e aprovação final da versão a ser publicada. Germano RM e Padilha MI contribuíram para a revisão da literatura, análise dos dados, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada.

Referências

1. Cascudo LC. História da cidade do Natal. 4ª ed. Natal: EDUFRN; 2010.
2. Carlos DJD, Germano RM, Padilha MI. História e memória do Hospital Universitário Onofre Lopes, Natal (RN): 1909-2000. Rev Eletr. [periódico na Internet] 2013; 4(2):38-57. Disponível em: www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/here_pesquisavolume.htm
3. Germano RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. 4ª ed. São Caetano do Sul: Yendis; 2007.
4. Lopes LMM, Santos SMP. Florence Nightingale: apontamentos sobre a fundadora da enfermagem moderna. Rev Enf Ref. [Internet] 2010; 3(2). Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/ref/v3n2/v3n2a19.pdf>
5. Barreira IA, Baptista SS, Sauthier J, Santos TCF, Peres MA, Oliveira AB, et al. Primeira República: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos (1889-1930). In: Padilha MI, Borenstein MS, Santos I, organizadores. Enfermagem: história de uma profissão. São Caetano do Sul: Difusão; 2011. p. 219-52.
6. Padilha MI, Borenstein MS, Bastini J, Zytkeuwisz GV, Lessamann JC. As fontes historiográficas em pauta: a história oral e a pesquisa documental. In: Borenstein MS, Padilha MI. A Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história (1900-2011). Florianópolis: Secco; 2011. p. 37-55.
7. Alberti V. Manual de história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV; 2010.

8. Le Goff J. História e memória. 5ª ed. Campinas: UNICAMP; 2003.
9. Padilha MI, Borenstein MS, Balleteros H. Investigación histórica en enfermería. In: Prado ML, Souza ML, Carraro TE. Investigación cualitativa en enfermería: contexto y bases conceptuales. Washington: Organización Panamericana de Salud; 2008. p.177-93.
10. Carlos DJD, Germano RM. A escola de auxiliares de enfermagem de Natal e o Hospital Universitário Onofre Lopes. Rev Rene. 2009; 10(1):17-80.
11. Borenstein MS, Padilha MI. Enfermagem em Santa Catarina (1900-2011). In: Borenstein MS, Padilha MI, organizadores. Enfermagem em Santa Catarina: recortes de uma história (1900-2011). Florianópolis: Editora Secco; 2011. p. 59-82.
12. Carvalho AC. Associação Brasileira de Enfermagem, 1926-1976: documentário. Brasília: ABEn Nacional; 2008.
13. Carlos DJDC, Germano RM. Nursing: history and memories of the construction of a profession. Rev Min Enferm. 2011; 15(4):513-21.
14. Padilha MI. A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. Pelotas (RS): UFPel; 1998.